



O Monge Negro de Tchekhov: Esquizofrenia e Solilóquio

Luana Melody Vasconcelos Brasil

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O livro “O Monge Negro” do médico e escritor russo Anton Tchekhov possui inúmeras ligações com o seu autor. Através de uma narrativa concisa sobre um personagem esquizofrênico, o escritor faz uso da loucura para justificar suas críticas reacionárias e do solilóquio para registrar seus próprios pensamentos através dos pensamentos do personagem. É possível inferir que, posteriormente, outros autores importantes, alguns brasileiros, inspiraram-se nesta e em outras obras tchekhovianas para refletirem sobre seu mundo e o *self* e também estabelecer um paralelo entre a crítica do escritor à sociedade de sua época e o atual contexto social midiático.

PALAVRAS-CHAVE: esquizofrenia; O Monge Negro; *self*; solilóquio; Tchekhov.

1. Introdução: o autor e sua obra

“Embaixo da sacada a serenata continuava, e o Monge Negro murmurava que *ele era um gênio* e que só morria porque seu corpo débil e mortal tinha perdido o equilíbrio e já não servia mais como invólucro do gênio.” (TCHEKHOV, pg.82. Grifo meu)

Entre os mais variados livros, trabalhos, blogs e sites científicos é possível encontrar referências às obras de Anton Pavlovitch Tchekhov (1860-1904), sendo que grande parte dos resultados é voltada à aclamada peça “O Jardim das Cerejeiras”. Constam da pesquisa também artigos sobre a revolução literária ocasionada por esse escritor russo, ensaios acadêmicos relacionando-o a Machado de Assis e trechos de suas obras, rodeados por ideias filosóficas, poesias e críticas, que servem de base para teses e/ou simples postagens de páginas pessoais.

Na maioria desses textos é feita uma breve explanação sobre a vida de A. Tchekhov, tendo como principal intuito torná-lo ainda mais célebre, não se atendo aos aspectos dessa biografia que correspondem às histórias e, mais especificamente, aos personagens do grande contista russo.



São inúmeros os casos de ligação autor-história presentes nos escritos tchekhovianos, tendo como exemplos a crise financeira que obrigou a família Tchekhov a se mudar da cidade interiorana do sul da Rússia, tal qual ocorre com os personagens de “O Jardim das Cerejeiras”; os problemas vivenciados pelo dedicado médico Anton P. Tchekhov enquanto atendia precariamente como clínico geral numa periferia, sendo similar ao que acontece com o seu personagem Dr. Ragin, que sofre com o desprezo com que são mantidos o hospital e os pacientes da enfermaria nº 6; e a religiosidade presente na infância e pré-adolescência do autor sendo refletida na peça “As Três Irmãs”. Mas, existe grande probabilidade de nenhuma dessas obras ter resguardado tantas características da vida de seu autor quanto há em “O Monge Negro”.

O que há de tão tchekhoviano na história de Andrei Kovrin, um professor e escritor que, após ter sofrido de estresse agudo, acabou se tornando um feliz esquizofrênico, admitindo e aceitando a sua loucura até que sua esposa e sogro fazem-no iniciar um tratamento que o “cura”, tornando-o depressivo? Por que Tchekhov estaria fazendo uso da psicose para justificar suas reflexões e críticas nessa obra?

Sabe-se que escrever e publicar uma autobiografia requer mais do que tudo a aceitação da visibilidade consequente da exposição da vida privada, de ideias privadas e, sendo assim, o resultado é a desconstrução do “regime da autenticidade” (SENNETT, 1999 apud SIBILIA, 2008, pg. 60). Além disso, a afirmação do *eu* como um ser genial, transcendental e digno de estar alheio às banalidades humanas é entendida como uma espécie de megalomania, tal qual aquela interpretação feita à obra de Nietzsche, *Ecce Homo*, que “fez com que seus contemporâneos enxergassem (...) uma mera evidência da loucura.” (SIBILIA, 2008, pg. 7).

Em “O Monge Negro” percebe-se que o recurso utilizado por Tchekhov torna suas opiniões reacionárias e intimistas mais concebíveis, uma vez que as resguarda na loucura, atenuando com isso más interpretações do que deveria ser realmente assimilado a partir dessa obra – sua essência introspectiva, que a torna transcendental, crítica e instigante.

Na segunda metade do século XIX e até o final de sua vida (1939), Freud desenvolveu seus estudos psicanalíticos sobre a personalidade, criando diversos conceitos – tais como id, ego, mecanismos de defesa, conflito edípico, lapso freudiano, entre outros – que serviram de base para pesquisas posteriores, conhecidas por neofreudianas (GRIGGS, 2009). Apesar de ser esse o tema principal da teoria psicanalítica clássica, e apesar de Freud ter se voltado principalmente ao estudo da histeria, não ignorou a psicose, ou mais especificamente a esquizofrenia, traçando, segundo Lacan, uma linha divisora de águas entre paranoia, de um lado, e de outro tudo o que gostaria que fosse chamado de parafrenia, e que corresponde exatamente às esquizofrenias (LACAN, 1985 apud FREIRE, 2006). Na carta que escreveu a Wilhelm



Fliess¹ em 1895, Freud já descrevia a paranoia como sendo uma neurose de defesa, cujo mecanismo principal é a *projeção*.

Mas, são os estudos neofreudianos que vão retratar a esquizofrenia como sendo um *transtorno psicótico*². De acordo com Griggs, a palavra esquizofrenia tem sua origem no grego e significa “mente dividida, separada”. Quanto aos sintomas desse transtorno, o autor afirma que

A esquizofrenia é a presença na maior parte do tempo e durante um período de pelo menos um mês de no mínimo dois dos seguintes sintomas: alucinações, delírios, discurso desorganizado, comportamento desorganizado ou catatônico, ou qualquer sintoma negativo (como perda da emoção). (GRIGGS, 2009, pg. 353).

Com relação à obra “O Monge Negro”, é válido considerar que, mesmo se tratando de uma novela, são mantidas as características mais marcantes e inovadoras do estilo de conto tchekhoviano, que são a concisão de seus textos e o uso específico das palavras, sendo breve sem ser banal. Como ele mesmo afirma em 1887 com relação à sua peça *Ivanov*,

...O argumento é complicado e não é tolo. Termino cada ato como os meus contos: conduzo o ato inteiro de maneira tranquila e mansa, mas no final dou um tapa na cara do espectador. (TCHEKHOV, 1887 apud VÁSSINA, 2004).

Tendo como base esses conceitos, qual é, afinal, a relação existente entre Tchekhov, seu livro “O Monge Negro” e a esquizofrenia? É importante atinar-se para a seguinte proposição feita por Carmem Dametto, segundo a qual

As pessoas de personalidade psicótica, determinada possivelmente por fatores genéticos, além dos fatores ambientais, quando submetidas a um **stress** maior, podem resolver o conflito surgido de maneira psicótica, sem contudo fazer uma verdadeira doença – a psicose. (DAMETTO, 1981, pg. 13, sic).

O primeiro trecho do livro “O Monge Negro” inicia-se com as seguintes terminologias médicas: “Andrei Vassilievitch Kovrin, *magister*, sofreu um esgotamento que lhe arruinou os nervos. Não se tratou; limitou-se diante de uma garrafa de vinho, a

² Wilhelm Fliess (1858-1928): importante otorrinolaringologista alemão que colaborou para os estudos iniciais da psicanálise.

³ Transtorno psicótico: que é caracterizado pela perda de contato com a realidade.



conversar com um médico amigo, que o aconselhou a passar a primavera e o verão no campo.” (pg. 13, *ipsis litteris*). O interessante a observar aqui são dois fatos: 1) tanto Kovrin quanto Tchekhov escolheram o ambiente rural e interiorano para cuidar de suas mazelas (aquele de seu estresse e este de sua tuberculose); 2) há no personagem já uma predisposição a sofrer um surto esquizofrênico (o que ocorrerá ao longo da história).

Há outro detalhe de igual importância relativo à ligação autor-história presente em “O Monge Negro”. Kovrin, apesar de ter sido recomendado a repousar, não deixou de ler e trabalhar. “Continuou a viver no campo a mesma vida nervosa e desordenada que vivera na cidade. Lia e escrevia muito, estudava italiano, e quando ia passear, pensava com prazer na volta ao trabalho.” (TCHEKHOV, pg. 25, *ipsis litteris*).

Em uma conversa com o seu primeiro tutor, Iegor Semionovitch Pessotski, que o recebeu em sua propriedade rural com muita empolgação, este lhe pergunta: “Você continua afundado na filosofia?” ao que Kovrin responde: “Sim, estou lendo *psicologia* e estudando filosofia em geral” (TCHEKHOV, pg. 21, grifo meu). Aqui, nesse breve diálogo, percebe-se uma sutil presença do médico-escritor em sua obra, pois é certo que os livros científicos eram acessíveis apenas a uma parte da sociedade que era instruída para tal, como os universitários, professores e profissionais da área, não obstante o desenvolvimento da imprensa ter de certa forma democratizado o acesso a determinadas literaturas além da religiosa desde o século XVI (THOMPSON, 1995).

Contudo, neste caso e época específicos, a psicologia psicanalítica estava nos primórdios de seu desenvolvimento a partir de Freud. Logo, Tchekhov, enquanto intelectual, possuía acesso e interesse por esse novo conhecimento. Tal interesse, porém, não consta apenas em “O Monge Negro”.

Na obra “Enfermaria N°6”, o personagem Dr. Ragin atendia um sanatório de tuberculosos e loucos (tísicos e nervosos, respectivamente, de acordo com o texto). E já nessa história Tchekhov faz uma interessante crítica à sociedade contemporânea do final do século XIX, quando o seu personagem médico passou a estabelecer uma relação amigável com um paciente paranoico, visitando o hospital com mais frequência, e por isso acabou sendo considerado louco pela sociedade, terminando sua vida internado ao lado de seus pacientes. O trecho a seguir retirado do livro “Enfermaria N° 6” sintetiza tal afirmação:

Meu Deus, pensou ele, lembrando-se da forma como os médicos o haviam interrogado, ainda não passou muito tempo desde que eles freqüentaram os cursos de psiquiatria, tendo passado nos exames. Então, qual é a razão dessa tão grande ignorância?



Não fazem a menor ideia do que é a psiquiatria! (TCHEKHOV, 1892, pgs. 248 e 249)³.

Voltando ao “Monge Negro”, percebe-se que a raiz do primeiro surto de Kovrin está na escuta da conversa de uma amiga de Tânia, filha de Iegor Semionovitch, que fala sobre ter ouvido certa noite no jardim “uns sons misteriosos, tão belos e estranhos que se sentou, enlevada, neles descobrindo uma *sagrada harmonia*, inacessível a nós, mortais, e que por isso retornava aos céus.” (pg. 26, *ipsis litteris*. Grifos meus); e ao se recordar da lenda da miragem do Monge Negro, que “ultrapassou os limites da atmosfera terrestre, e agora vagueia pelo universo, mas nunca em condições que a façam desaparecer” (pg. 27); que se tornará visível para o mundo dos homens num prazo de mil anos; e que de acordo com a cronologia da lenda, o Monge Negro deve aparecer em breve, num prazo de um dia ou algumas hora. (pg. 28).

“Além de estudar no ginásio, os filhos eram obrigados a trabalhar na loja ajudando os pais. Todo o tempo livre das crianças era dedicado aos ensaios do coral da igreja, regido por Pável Tchekhov⁴.” (VÁSSINA, 2004, pg.11); “Embora não se possa dizer que o escritor tenha mais tarde conservado alguma coisa da fé inabalável de seus pais, seria exagero considerá-lo um materialista acabado (...). *Há em sua obra elementos que nos permitem encará-lo pelo menos como um agnóstico.*” (SABINO, 1985, pg. 7. Grifos meus). Esses dois trechos são de prefácios dos livros “As Três Irmãs” e “O Monge Negro”, respectivamente, que fazem uma breve biografia de Tchekhov. Tais trechos mostram com clareza a cultura religiosa que envolvia o autor dessas obras e que, como destacado no texto de Sabino, é perceptível nos elementos das histórias de A. Tchekhov – sendo que em “O Monge Negro” é refletida na figura do monge e da harmonia sagrada que precede sua chegada.

Outro aspecto interessante na história de Kovrin é que, quando começa a ter as alucinações, encontrando-se com frequência com o Monge Negro, é enaltecido pelo mesmo, pois através dele descobre que é um gênio, um escolhido pelo Criador e que chegará a hora em que ele terá de sacrificar a própria vida em função de uma ideia. Esses pontos podem ser ligados a alguns conceitos relacionados à esquizofrenia: o ego e o narcisismo. No caso de Kovrin, sua alucinação lhe proporcionava prazer e alegria por dar um sentido à sua vida, por torná-lo importante para o mundo e por colocá-lo acima da mentalidade agrícola e atrasada da sociedade russa do final do século XIX.

Quando Andrei Kovrin casa-se com Tânia Semionovitch, acaba perdendo completamente a noção de realidade, pois à sua esposa que lhe flagrou conversando “sozinho” e lhe perguntou: “Andriucha, com quem está falando?”, respondeu: “O quê?”

³ É importante observar que não se sabe exatamente o ano de publicação das obras *O Monge Negro e Enfermaria N° 6*. É certo apenas que foram escritas no mesmo período, quando Tchekhov passava uma temporada no campo a fim de se tratar da tuberculose, por volta de 1892.

⁴ Pável Tchekhov: pai de Anton Tchekhov.



O monge, ora... Está sentado ali.” (pg.63). A partir disso, ela o faz admitir que está doente, convencendo-o a começar um tratamento. Depois de ter sido “curado”, Kovrin volta ao campo completamente transfigurado: pálido, sombrio, irritadiço. É relevante o trecho de seu diálogo com Tânia que, submissa e arredia, vai lhe entregar o leite “que lhe faz bem”:

— Por que... por que vocês me *curaram*? Poções de brometo, ociosidade, banhos quentes, vigilância, um terror idiota a cada garfada, a cada passo... (...) Fiquei transtornado da cabeça, deu-me a *mania de grandeza*, mas com isso tudo eu era jovial, ativo e até mesmo feliz, era interessante e original... Agora me tornei racional e sólido, mas igual a todo mundo: *sou uma mediocridade, para mim é difícil viver...*” (pgs. 68 e 69, grifos meus).

Tchekhov oferece ao final desse conto-novela mais alguns detalhes inquietantes: Kovrin estava sofrendo de tuberculose num quarto de hotel à beira mar, recebendo os cuidados e a companhia de outra mulher, quando começou a escutar duas vozes femininas cantarem sobre a história de “uma moça de imaginação exaltada que ouviu à noite, num jardim, uns sons misteriosos, neles descobrindo uma sagrada harmonia, inacessível a nós humanos...” (pg. 81). Nesse instante, começou a ter um novo acesso psicótico, tornando a ver o Monge Negro, e morreu expelindo sangue, porém feliz.

2. Solilóquio Tchekhoviano: da exaltação da loucura à eternização de Tchekhov

Qual é o sentido dessas comparações e ligações entre o autor e sua obra? O que pretendia Tchekhov com “O Monge Negro”? Considerando que este livro foi escrito nos anos finais da vida do autor, ele possui as características de uma reflexão intimista sobre ser e estar no mundo, sobre o intelecto atrasado e inepto da massa russa do final do século XIX e, ao mesmo tempo, um solilóquio.

Segundo a definição dada pelo dicionário Houaiss, solilóquio é o *ato de conversar consigo próprio*; monólogo; recurso dramático ou literário que consiste em *verbalizar, na primeira pessoa, aquilo que se passa na consciência de um personagem* (HOUAISS, 2009. Grifos meus). Sendo que, neste caso, há uma ligação tênue entre o Tchekhov e seu personagem.

É possível também que, indo um pouco além, trate-se de uma aceitação da morte. É como se atingindo o paroxismo existencial, Tchekhov tivesse encontrado uma razão para suas ideias, suas duas profissões e sua doença. Pois, sendo um liberal e considerado por alguns como “ocidentalista”, conseguiu atingir em Kovrin o que, de acordo com Frayze, é a loucura, “uma experiência corajosa de desvelamento do real, de desmontagem e recusa do mundo instituído: a loucura é saber.” (FRAYZE, 1982, pg.10)



É provável que muitos não percebam em “O Monge Negro” a mais espetacular obra tchekhoviana porque a loucura ainda é tratada com certa ojeriza ou porque há falta de atenção durante a leitura – o leitor não se detém aos detalhes que transmitem a real essência da história.

Ainda assim, é possível que “O Monge Negro” tenha inspirado muitos autores a fazer uso do recurso do solilóquio em seus textos, à maneira de Tchekhov, para compreender o mundo e a si mesmos. Em alguns casos isso ocorreu numa crise existencial, numa crítica subentendida à sociedade e em outros quando se percebeu que a vida já estava chegando a seus derradeiros momentos. São exemplos de possíveis seguidores dessa literatura tchekhoviana o escritor contista Ernest Hemingway, em seu conto *As Neves do Kilimandjaro*, o jovem médico e escritor Del Nero, no livro *Anarquia e Alucinações*, a escritora introspectiva Clarice Lispector, na obra *Aprendendo a Viver*, entre outros.

Por fim, é considerável o que o artista e pensador Antonin Artaud (1896-1948) escreveu, após ter ficado nove anos internado em um hospício, e que é aglutinador da ideia de loucura também defendida, ainda que indiretamente, por Anton Tchekhov:

E o que é um autêntico louco? É um homem que preferiu enlouquecer, no sentido em que *socialmente se entende a palavra*, a trair uma certa ideia superior de honra humana. Eis por que a sociedade condenou ao estrangulamento em seus manicômios todos aqueles dos quais queria se livrar ou contra os quais queria se defender, pois eles haviam se recusado a acumpliciar-se com ela em certos atos de suprema sujeira. Pois *um louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades*. (ARTAUD, 1937-1946 apud FRAYZE, 1982, grifos meus).

Como propõe Artaud, se é louco quem prefere sair do sistema de valores e compreensão do mundo a trair a ideia de honra humana, podemos pensar o papel do próprio Tchekhov, enquanto escritor, como elemento provocador de reflexão sobre e para a sociedade, não só naquele momento histórico de vivência do escritor, mas também agora, no mundo contemporâneo midiaticizado, cada vez mais organizado e hierarquizado, apesar do aparente caos das múltiplas plataformas midiáticas. Ao buscarmos uma aproximação entre o autor, o recurso do solilóquio e a loucura pretendemos provocar novas significações, deixando em aberto as possíveis interpretações sobre nosso mundo.



REFERÊNCIAS

- ⁱGRIGGS, R. **Psicologia: uma abordagem concisa**. 2.ed. Porto Alegre: Artimed, 2009.
- TARSIS, V. **Enfermaria 7**. 1.ed. Rio de Janeiro: Expressão e Culturas, 1967.
- FRAYZE, J. **O que é loucura**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- TCHEKHOV, A. **Coleção Os Grandes Dramaturgos**. 1.ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.
- TCHEKHOV, A. **O Monge Negro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DAMETTO, C. **Personalidade Psicótica e Psicose**. 2.ed. Rio de Janeiro: Cooperativa dos Profissionais de Imprensa, 1981.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- SIBILIA, P. **O show do eu**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Versão monousuário 3.0, 2009.
- FREIRE, J. **Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar8/6.pdf>. Acesso: 23/11/2011.
- DEL NERO, H. **Anarquia e Alucinações**. 1.ed. São Paulo: Hermes, 1982.
- HEMINGWAY, E. **Contos Vol. 2**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LISPECTOR, C. **Aprendendo a viver**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UNB, email: luana.vasbrasil@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora Liziane Guazina do Curso de Jornalismo da FAC-UNB, email: liziane.g@uol.com.br.